

PIERRE CLASTRES (1934-1977)

Teórico das sociedades sem Estado. Analisa a *chefferie* um espaço onde não existe poder (*l'espace de la chefferie n'est pas un lieu de pouvoir*). Há um chefe sem poder, porque as sociedades primitivas são igualitárias e não estão marcadas pela dissemetria. Mais do que sociedades privadas de Estado, há sociedades privadas da *autoridade da hierarquia*, da *relação de poder*, onde o *espaço da chefatura não é um lugar de poder*, mas uma *simples competência técnica*.

l'espace de la chefferie n'est pas un lieu de pouvoir

O Chefe é aquele que tem dons oratórios, o saber-fazer como caçador, a capacidade de coordenar as actividades da guerra, ofensivas ou defensivas. Salienta que a chefatura tem *um poder quase impotente*, dado que *no decorrer da expedição guerreira o chefe dispõe de um poder considerável, por vezes, mesmo absoluto, sobre o conjunto dos guerreiros. Mas, com o regresso à paz, o chefe perde toda a sua força. O modelo do poder coercivo só é aceite em ocasiões excepcionais quando o grupo é confrontado com uma ameaça externa. Mas a conjugação do poder e da coerção cessa logo que o grupo corta as suas relações com o exterior*. Partindo do exemplo do chefe dos índios apaches, Jerónimo, observa que a tribo não deixa que a superioridade técnica da chefatura possa transformar-se numa autoridade política. Jerónimo foi abandonado pela tribo quando se quis transformar num chefe político: *a morte é o destino do guerreiro, porque a sociedade primitiva é tal que não deixa substituir ao desejo de prestígio a vontade de poder*. Porque *a propriedade essencial da sociedade primitiva é o exercício de um poder absoluto sobre tudo o que a compõe, é proibir a autonomia de um qualquer dos respectivos subconjuntos que a constituem, é manter todos os movimentos internos, conscientes ou inconscientes, que alimentam a vida social, nos limites e na direcção pretendida pela mesma sociedade*. Refere ainda que *se nas sociedades com Estado a palavra é o direito do poder, nas sociedades sem Estado, pelo contrário, a palavra é o dever do poder. Ou, por outras palavras, as sociedades índias não reconhecem ao chefe o direito à palavra porque ele é o chefe: exigem do homem destinado a ser chefe que ele prove o seu domínio sobre as palavras. Falar é, para o chefe, uma obrigação imperativa, a tribo quer ouvi-lo: um chefe silencioso já não é chefe*.

•«Échange et Pouvoir», In *L'Homme*, n. ° Jan., pp. 53-54, Paris, 1962.

•*Chronique des Indes Guyaki*, Paris, Librairie Plon, 1972.

•*La Société Contre l'État. Recherches d'Anthropologie Politique*, Paris, Éditions de Minuit, 1974 [trad. port. *A Sociedade contra o Estado*, Porto, Edições Afrontamento, 1975].

•*La Boétie et la Question du Politique*, Paris, Librairie Payot, 1976. Com Claude Lefort.

📁 Bouretz, Pierre, «Pierre Clastres», Châtelet (DOP), pp. 142-15; Châtelet (DOP), Châtelet/
Kouchner (NDNC), pp. 1002 segs..

➤ 1974 *La Société Contre l'État*